

IBGE: Brasil cresceu 14,69% em três anos de Real

PIB 'per capita' avançou 3,1% ao ano desde início do plano, mas taxa ainda está abaixo da média histórica dos anos 70

Editoria de Arte

Flávia Oliveira

• O Brasil cresceu 14,69% nos três anos do Real. A informação é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que ontem divulgou o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre deste ano. Os dados mostram que, desde a implantação do plano, a economia nacional cresceu cerca de 4,7% ao ano. Para os economistas, a marca é satisfatória diante das deficiências das contas externas. Mas a taxa está muito abaixo da média histórica registrada até o fim dos anos 70, quando o país crescia perto de 7% ao ano.

— O crescimento não é mau, considerando-se o cenário externo. Mas se olharmos o PIB chileno, que vem crescendo de 6% a 7% ao ano, e a própria média nacional, de 7% de 1947 a 1980, a taxa é medíocre — analisa Gustavo Gonzaga, do Departamento de Economia da PUC/RJ.

Resultados alteram tendência de estabilidade na produção

Mas não há dúvidas de que o país ficou mais rico desde julho de 94. Cerca de 10% mais rico, revela o economista Alexandre Ázaro, da IP-Gap, ao comparar a expansão do PIB a um crescimento anual da população de 1,5%. O cálculo revela que a renda *per capita* avançou 3,1% ao ano no Real,



embora o desemprego tenha atingido o patamar de 6%.

Os últimos resultados do PIB, segundo o IBGE, alteraram a tendência de estabilidade na produção brasileira, que vinha sendo observada desde outubro de 1996. No segundo trimestre de 97, a economia brasileira cresceu 4,96% em relação ao mesmo período do ano passado. Sobre o primeiro trimestre deste ano, a expansão chegou a 3,29%. E bateu 4,34% de aumento no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo período de 96.

O coordenador do Departamento de Contas Nacionais do IBGE, Roberto Luís Olinto Ramos,

afirma que esses dados não são suficientes para indicar uma aceleração no crescimento da economia brasileira. De abril a junho — e especialmente neste último mês — a agricultura e a indústria sustentaram a expansão do PIB. Mas há alguns indicadores econômicos impedindo o aumento exagerado do nível de produção.

Dados sugerem que crescimento será sustentado

— O nível de inadimplência, a massa salarial constante e as vendas do comércio indicam que as pessoas atingiram seus limites de consumo. Por isso, não há como acelerar o crescimento da econo-

mia este ano — afirma Olinto.

Os especialistas assinalam que os grandes saltos na produção e na renda nacional ocorreram entre 94 e 95 (vide aumento do salário-mínimo). No curto prazo, tudo indica que o crescimento será mais contido. E o desempenho do segundo trimestre está perfeitamente compatível com as projeções que indicam expansão de, no máximo, 4% para o PIB este ano.

De qualquer forma, durante o segundo trimestre de 97, a economia brasileira atingiu seu mais alto nível de produção. O PIB atual é 49,79% superior ao de 1980. A melhor marca até então fora a do

segundo trimestre do ano passado, quando a produção estava 42,71% acima dos níveis de 80.

O técnico do IBGE revela que o setor de construção civil é um dos que mais contribuiu para a expansão do PIB de abril a junho deste ano. O setor cresceu 7,07% e promete avançar ainda mais com os estímulos do Governo ao financiamento habitacional.

— A indústria de bens de capital, especialmente equipamentos para a agricultura, também dá sinais de melhora. Até porque, há ações do BNDES para estimular o setor — assinala Olinto. — Mas a produção de bens duráveis não deve mudar de patamar. ■